

Reflexões sobre a concepção de ser professor: o estágio em um processo de transformação

Marcelly Barbosa Cannavô¹

Veruska Pires²

Resumo

O estágio obrigatório é uma fase fundamental na formação acadêmica, especialmente na educação. Ele permite ao estudante aplicar a teoria na prática, sob a orientação de profissionais experientes, é importante também para identificar áreas de interesse, compreender os desafios da profissão e desenvolver habilidades antes de ingressar no mercado de trabalho. Neste sentido, esse estudo teve como objetivo compreender como a experiência de estágio obrigatório na Educação Infantil contribuiu para a minha formação docente de Educação Física. Entre os questionamentos levantados estavam: Como seria o processo de estágio? Como seria a escolha do tema a ser trabalhado? Como seria minha conduta em sala de aula com os estudantes? Se eu iria conseguir mediar as diversas situações que poderiam ocorrer em sala de aula? E qual a minha visão sobre Educação Física escolar antes e depois da experiência de estágio? Indagações essas que procuro responder nessa pesquisa. Um estudo qualitativo descritivo baseado na autonarrativa das experiências de estágio realizado em 2022. Foram realizadas análises com base nos relatórios produzidos como forma de avaliação da disciplina de estágio obrigatório e a partir disso, investigados para que pudesse entender como essa experiência ressignificou minha visão sobre a docência. Concluímos que a experiência de estágio obrigatória na Educação Infantil foi decisiva para a minha formação docente em Educação Física. Através da autonarrativa e da análise dos relatórios, constatei que o estágio não apenas fortaleceu minhas habilidades pedagógicas, mas também ressignificou minha percepção sobre a Educação Física escolar, passando a compreendê-la de forma mais ampla e integrada.

Palavras-chave: Estágio Obrigatório; Educação Física; Educação Infantil.

Abstract

The compulsory internship is a fundamental stage in academic training, especially in education. It allows students to apply theory in practice, under the guidance of experienced professionals. It is also important for identifying areas of interest, understanding the challenges of the profession and developing skills before entering the job market. With this in mind, the aim of this study was to understand how the experience of a compulsory internship in Early Childhood Education contributed to my training as a Physical Education teacher. Among the questions raised were: What would the internship process be like? How would I choose the topic to work on? How would I behave in the classroom with the students? Would I be able to mediate the various situations that could occur in the classroom? And what was my view of school physical education before and after the internship experience? These are the questions I'm trying to answer in this research. This is a descriptive qualitative study based on the self-narrative of the internship experiences carried out in 2022. Analyses were carried out

¹ Estudante de Educação Física (Licenciatura) na Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança (ESEFID) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

² Doutora e Mestre em Educação Física pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e Graduação em Educação Física pela Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC).

based on the reports produced as a form of assessment of the compulsory internship course and, from there, investigated so that I could understand how this experience gave new meaning to my view of teaching. We concluded that the compulsory internship experience in Early Childhood Education was decisive for my teaching training in Physical Education. Through the self-narrative and the analysis of the reports, I found that the internship not only strengthened my pedagogical skills, but also reframed my perception of school Physical Education, coming to understand it in a broader and more integrated way.

Key-Words: Mandatory Internship; Physical education; Early Childhood Education.

1 INTRODUÇÃO

Muito se discute a relevância, isto é, o sentido dos estágios obrigatórios em um curso de licenciatura, desempenhando um papel fundamental na formação do futuro professor. De acordo com Martins, Tostes e Mello (2020) o estágio obrigatório nos cursos de licenciatura representa um componente curricular basilar na formação do profissional de Educação Física e um período salutar de diálogo entre o ensino superior e a educação básica, pois promove a integração entre a universidade e escola, expandindo os ambientes de aprendizagem profissional. Sendo assim, o estágio não se configura apenas como uma exigência acadêmica, mas como uma oportunidade de integração e conhecimento mútuo entre espaços, possibilitando a aplicação da teoria na prática e enriquecendo a formação dos futuros professores.

A experiência dos estágios em um curso de licenciatura é uma etapa crucial na vida do aluno, não se limitando a uma observação do ambiente escolar, pois se configura como um campo de aprendizado teórico e prático para os estudantes que estão se preparando para a carreira docente. Souza Neto, Cyrino e Borges (2019) apontam que, se considerar os cursos de formação inicial de professores, os princípios da epistemologia da prática profissional e da profissionalização estão intrinsecamente ligados ao estágio curricular e as práticas de ensino como elementos fundamentais da formação.

Para discutir a formação e identidade docente nos processos de estágio, baseei-me na minha experiência no estágio de educação infantil durante o curso de formação na Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança (ESEFID) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Este curso exige três estágios obrigatórios: o primeiro na educação infantil, o segundo no ensino fundamental e o terceiro no ensino médio. O presente trabalho concentra-se especificamente no estágio em educação infantil, tendo

sido escolhido por ser aquele que mais gerou desafios, perguntas e impactos na formação docente.

A atividade de ensino de “Estágio de docência de Educação Física na Educação infantil (EFI04053)” oferta 10 créditos e carga horária total de 150 horas, que estão divididas em 51 horas teóricas e 99 horas práticas, concomitante a 33 horas coletivas, 91 horas autônomas e 26 horas individuais.

Possui como objetivo geral:

Oportunizar aos licenciandos a efetiva experiência da docência da Educação Física em turmas de educação infantil, promovendo a reflexão permanente acerca da ação docente desenvolvida na escola, buscando a realização de uma prática problematizada pelas questões do cotidiano e mediada pelos referenciais teóricos que dinamizarão tal processo. (UFRGS, 2022, p. 1)

De forma auxiliar, para complementar o objetivo geral, os objetivos específicos apontam:

- Conhecer o contexto da educação infantil através da leitura de bibliografia recomendada, observação e acompanhamento da rotina da turma onde serão realizadas as ações docentes;
- Possibilitar o exercício da ação docente com turmas de educação infantil;
- Elaborar o diário das aulas referentes à sua prática docente, refletindo sobre sua atuação, identificando suas dificuldades e elaborando estratégias para superá-las;
- Observar a ação docente dos colegas e registrar suas percepções relativas aos erros e acertos observados, sugerindo possíveis alternativas para superação das dificuldades observadas;
- Refletir sobre as limitações e desafios com os quais se depara o professor/a professora no exercício de sua atuação docente. (UFRGS, 2022, p. 1)

Durante o semestre de estágio obrigatório na educação infantil, pude entender qual o papel da Educação Física na escola. Desconstruí noções frequentemente associadas aos estereótipos que a disciplina carrega, alocando-a em um espaço de subalternidade ao se tratar de uma disciplina dita apenas das questões corpóreas e não da mente, dos saberes e do pensar. As abordagens pedagógicas no campo da Educação Física escolar, historicamente, foram influenciadas pelo campo da medicina, pelos princípios de higiene, saúde e os ideais nacionalistas, princípios esses que têm sido tradicionalmente adotados no ambiente escolar, promovendo a associação entre hábitos saudáveis advindos da prática de exercícios físicos junto ao progresso físico, moral e intelectual (Giacomoni; Souza, 2022). Foi a partir dessa visão ancorada nos saberes médicos, sobretudo, que pavimentaram o desenvolvimento de concepções e práticas da

Educação Física evoluíram ao longo do tempo, influenciadas por diferentes contextos históricos e sociais.

Desde que comecei a pensar sobre qual graduação fazer, minha primeira escolha sempre foi Licenciatura em Educação Física. Eu tinha grande afinidade com a disciplina desde os tempos escolares, mesmo quando se tratava de uma abordagem mais tradicional. Minhas aulas focavam principalmente nos esportes convencionais como futsal, handebol, voleibol e basquete. Quando iniciei o curso no ano de 2018, ainda persistiam concepções superficiais sobre a disciplina, que enfatizavam principalmente a prática e a promoção do movimento contínuo dos estudantes durante as aulas, noções essas que foram mantidas até 2022/1, o semestre que realizei o estágio obrigatório da educação infantil. A partir desse momento, comecei a ter uma compreensão mais profunda do significado de ser professora. Ser professora também é uma função social, que intervém na realidade dos estudantes através da prática educativa, da docência (Giacomoni; Souza, 2022).

Ao refletir sobre todo esse processo, percebo a importância da existência de espaços que propiciem autoconhecimento pessoal e formativo para os acadêmicos dos cursos de licenciatura ao longo de toda a formação como docente. Os estágios obrigatórios proporcionam um espaço valioso para esse autoconhecimento, permitindo aos acadêmicos explorarem seus interesses, anseios e valores, bem como o desenvolvimento pessoal e profissional, auxiliando-os a entenderem suas áreas de interesse específicas dentro da educação ao perceber como as experiências agem na sua prática educativa.

A partir das colocações supracitadas, intencionei responder a seguinte problemática de pesquisa: como o estágio obrigatório na Educação Infantil contribuiu para a minha formação docente de Educação Física? Para atender a este problema de pesquisa, os objetivos propostos foram: a) compreender como o estágio incide na formação docente; e b) construir uma autonarrativa reflexiva acerca da experiência de estágio.

2 METODOLOGIA

O artigo que aqui apresentado se pauta em um estudo qualitativo descritivo baseada na autonarrativa das experiências do estágio obrigatório realizado na educação infantil. Essa abordagem foi escolhida porque durante estágio obrigatório precisei

analisar, observar e detalhar a experiência a partir de relatórios. As pesquisas qualitativas buscam compreender os fenômenos a partir do contexto social, considerando os entendimentos das pessoas nesse ambiente e a construção da pesquisa é moldada pelas percepções das pessoas que estão envolvidos nela (Rodrigues; Oliveira; Santos, 2021). Visto isso, a pesquisa qualitativa permite uma compreensão mais contextualizada do tema pesquisado.

O estudo também se apresenta como uma pesquisa descritiva, já que busca descrever os fatos. Viçosa et al., (2019) apontam que narrar é o ato de estruturar de forma sistemática algo que já ocorreu, seja no plano físico da experiência vivida ou no plano subjetivo dos pensamentos e emoções. Narrar não se resume apenas a contar uma história, é, na verdade, dar forma e estrutura a algo que já ocorreu. Busquei a autonarrativa a partir das práticas de estágio na disciplina de estágio obrigatório pois pretendia entender o efeito das teorias acadêmicas na prática profissional, além de colocar em prática minhas estratégias em um ambiente de trabalho.

O estágio obrigatório segue um processo organizado. Antes de começar na instituição de ensino que iria atuar, tive aulas que abordavam temas como educação infantil e Educação Física para crianças. Essas aulas me levaram a refletir profundamente sobre como planejar e conduzir aulas de Educação Física para crianças. Depois dessa fase inicial, passei para a fase de familiarização com a instituição e a turma na qual eu iria trabalhar. Nesta etapa, passei por um período de observação de duas aulas, trabalhando com a professora titular da turma, participando e interagindo com as crianças. Logo que as aulas começaram, eu tinha um período semanal de cinquenta minutos dedicado à execução das atividades planejadas. Durante esse processo, recebia orientação da professora supervisora do estágio, realizava planejamentos semestrais e semanais, elaborava relatórios detalhados de cada aula e, ao final do estágio, produzia um relatório abrangente.

Esses documentos foram fundamentais para analisar os dados coletados ao longo do estágio e embasar tanto nessa pesquisa quanto minha autorreflexão sobre ela. Neste trabalho, descrevo o que ocorreu durante meu estágio obrigatório, desde o primeiro dia de aula da disciplina até as práticas realizadas. Discuto os documentos institucionais exigidos, detalho o processo de planejamento do semestre e das aulas ministradas aos estudantes. Além disso, relato os desafios enfrentados ao aprender sobre a dinâmica de ser professora, incluindo a realização de avaliações, chamadas, atividades educativas e o gradual entendimento do funcionamento de uma instituição de ensino.

Nesta pesquisa também buscamos refletir sobre a temática escolhida. Afinal, por que optar por um tema específico em vez de simplesmente realizar atividades rotineiras que envolvam o movimento? Questionamentos como esses surgiram quando eu precisei compreender a importância da seleção de um tema e como ela poderia guiar os alunos da educação infantil para explorar concepções outras da Educação Física escolar.

Na busca por essas concepções outras, como supracitado, criamos um planejamento sobre os cinco sentidos, intitulado “Descobertas – Os 5 sentidos do corpo humano”. A justificativa para essa escolha se dá na ideia de explorar a Educação Física de uma maneira estimulante. A descoberta dos sentidos corporais é um tema atraente para crianças de 4 a 5 anos, pois nada está mais intimamente ligado à Educação Física do que descobrir, compreender e experimentar as diversas partes do corpo através dos sentidos.

A docência, isto é, o ato de ministrar as aulas também na pauta de discussão dessa pesquisa. Durante o período de estágio, exercer a docência foi uma experiência desafiadora. Compreender a dinâmica da sala de aula e implementar tudo o que havia sido estudado e planejado, tanto durante a graduação quanto na fase inicial de observação do estágio, destacou a importância de verificar se eu estava realmente no caminho certo e, inclusive, se era o que, de fato, gostaria de exercer como profissão, pensando em um projeto de vida a longo prazo.

A mediação pedagógica também ganha destaque de discussão. Mediar situações em sala de aula com alunos tão pequenos não foi uma tarefa fácil, pois eu não sabia ao certo o que esperar, as reações que eu teria que enfrentar e os questionamentos que porventura poderiam surgir. Além disso, a adaptação constante às necessidades individuais de cada criança e a busca por estratégias eficazes de ensino foram partes essenciais desse processo.

Por fim, a minha visão sobre Educação Física escolar, antes e depois do estágio obrigatório, foi o último tema discutido neste trabalho. Nele, explorei como minhas concepções sobre os conteúdos e métodos de ensino evoluíram ao longo do estágio. O processo me permitiu refletir não apenas sobre o que eu acreditava previamente, mas também sobre como minhas percepções mudaram ao vivenciar a prática com os estudantes. Nessa experiência pude construir e consolidar meu entendimento sobre o que realmente significa ser uma professora de Educação Física, o que mantereí aberta conforme o caminho que for trilhando.

3 DISCUSSÃO E RESULTADOS

A primeira categoria que passo a analisar, refere-se ao processo de planejamento de ensino que foi desenvolvido no estágio, isto é, relato o processo de pensar e construir o que iria acontecer no estágio. Ao iniciar a disciplina de estágio obrigatório da educação infantil precisei selecionar um tema que seria abordado durante o semestre com a turma que iria trabalhar e elaborar um planejamento. Essa temática nas práticas de estágio curricular se assemelha a uma ideia condutora que muitas vezes é retirada de documentos institucionais como por exemplo o Projeto Político-Pedagógico da escola (PPP), os referenciais curriculares e até mesmo a BNCC (2018). A BNCC, nos campos de conhecimento da Educação Física, explora indicativos de diferentes conteúdos que podem ser estimulados nas aprendizagens desta faixa etária. Esse planejamento incluía alguns tópicos, como uma introdução sobre o tema escolhido, os objetivos de aprendizagem e os conteúdos de ensino. Neste sentido o campo de experiência da BNCC, “Corpo, Gestos e Movimentos”, inspirou a temática que pautou um universo possível de descobertas sobre os cinco sentidos do corpo humano. Ao estabelecer os sentidos como tema gerador, fui colocada em um movimento de exploração da docência no que tange visão, audição, olfato, tato e paladar com os alunos, o que fez com que cada etapa de elaboração do planejamento escolar fosse um espaço de criação.

Cada aspecto do processo era uma nova descoberta, pois nunca havia enfrentado a necessidade de fazer um planejamento. Nesse ponto, me vi confrontada por algumas questões: “Mas a Educação Física não se resume a realizar exercícios e atividades práticas, onde o corpo está sempre em movimento?” e “O planejamento não resume apenas às atividades que tensionava realizar em cada aula?”, essas e outras perguntas rodeavam a minha mente. Então, busquei respostas para esclarecer essas dúvidas.

Esse dilema já é apontado nos estudos de Darido (2005) ao refletir que existe uma forte tradição nas escolas de que a Educação Física é divertida, pois se concentra principalmente em atividades práticas e recreativas, sem uma ênfase adequada na compreensão dos seus sentidos e significado. Concepções e abordagens como essa evidenciam o quanto a Educação Física é subestimada no ambiente escolar, onde até mesmo professores de outras áreas deslegitimam a disciplina, acreditando que ela se baseia apenas em dimensões atitudinais, ignorando as dimensões conceituais e seu real grau de importância.

Segundo Vago (2009, p. 26), a “[...] escola não é clube. Escola não é academia de ginástica. Escola não é centro de treinamento esportivo. A escola não é a rua, ou a praça do bairro. Escola não é tempo nem “equipamento” de lazer”. A partir dessa distinção inicial do que não é papel da escola, embora reconhecendo que todos esses espaços mencionados possam estar conectados a ela, busquei compreender o papel da escola, significando-a a partir das minhas experiências. Young (2007) reflete que, sem as escolas, cada geração teria que começar do zero, como as sociedades que existiam antes da criação das instituições escolares, permanecendo inalteradas por séculos praticamente.

Ao refletir sobre essas questões iniciais, que marcaram o começo da minha jornada de como ser professora de Educação Física, surgiram também outras dúvidas e preocupações. Ao começar a disciplina, não esperava que teria que escolher um tema que orientasse todo o meu planejamento durante os seis meses de trabalho com as crianças. Entretanto, ao longo do tempo, fui percebendo a relevância desse processo para o desenvolvimento das aulas. Os estudantes estão em uma fase de exploração e entendimento do mundo ao seu redor. Integrar um tema específico que aborde questões da Educação Física não só facilita o aprendizado, mas também torna a experiência mais envolvente, tanto para a professora quanto para os alunos.

Um tema bem escolhido possibilita uma exploração mais profunda de tópicos relevantes e atuais na área da Educação Física. Quando alinhado aos interesses dos estudantes, ele pode resultar em um trabalho de maior qualidade, pois aumenta a motivação dos envolvidos. Um tema que desafie os estudantes pode contribuir para habilidades específicas, também, envolvendo aspectos socioculturais que podem resultar em benefícios para a comunidade onde o estágio é realizado.

Ao considerar os temas que poderiam ser trabalhados, surgiram compreensões habituais sobre o que trabalhar com os estudantes, como: coordenação motora, lateralidade, noção espacial, juntamente com atividades como rastejar, engatinhar, saltar, escalar, equilibrar-se, correr, dar cambalhotas e alongar-se, que seriam princípios enraizados na Educação Física tradicional. Embora essas temáticas estejam associadas às aulas de Educação Física escolar, para a educação infantil com base numa perspectiva motora, há outras formas e princípios teóricos que conduzem esta proposição num olhar mais integral e complexo. Contudo, independente da base teórica, o que conduz uma proposta de ensino é o planejamento escolar que vai direcionar ideais e ideais.

Pensamentos estes foram reconsiderados à medida que refletia e vivenciava as experiências que estavam sendo adquiridas durante o início do processo de estágio, pois ao decorrer da disciplina aprendemos que o primeiro passo para iniciar um planejamento seria decidindo qual objetivo daremos a ele e nos questionando o porquê queremos trabalhar isso, isto é, “por que tal tema é interessante e importante para aquela turma, daquela escola, localizada naquela cidade?”, e a partir disso escolher um tema central e definir os conteúdos e estratégias de ensino. Assim, entendo que a fase inicial da disciplina de estágio foi crucial para o esclarecimento dessas dúvidas.

O planejamento escolar é uma tarefa docente que inclui tanto a previsão das atividades didáticas em termos da sua organização e coordenação em face dos objetivos propostos, quanto a sua revisão e adequação no decorrer do processo de ensino. O planejamento é um meio para se programar as ações docentes, mas é também um momento de pesquisa e reflexão intimamente ligado à avaliação. (Libâneo, 2006, p. 221)

O movimento de refletir sobre possíveis erros, acertos e tomadas de decisões a partir de diferentes cenários foi significativo para que eu pudesse compreender a necessidade de seguir o planejamento de maneira adequada. Escrevo estas palavras para destacar que também fui envolvida por ideias superficiais sobre a Educação Física e o ato de planejar. Ao me envolver com a prática docente na escola, comecei a questionar e, conseqüentemente, a reavaliar meus próprios conceitos. Essa reflexão me levou a indagar: o quão importante é o planejamento escolar? Como nossas concepções sobre planejar modificam o desenvolvimento da aula? Qual foi o impacto do planejar o semestre e a partir disso desenvolver o planejamento semanal para o resultado do objetivo atingido a cada aula? E o que mudou ao longo desse processo?

Os questionamentos que surgiram não são facilmente respondidos, pois representam a tentativa de desvendar os grandes mistérios envolvidos no ato de ensinar. Procurei ponderar sobre os desafios cotidianos, na esperança de descobrir algumas pistas que possam guiar minha formação e prática futura. Por isso, escolhi narrar as minhas experiências de estágio e pensar sobre elas, Larrosa (1994) afirma que ao narrar-se, a pessoa diz o que conserva do que viu de si mesma, construindo desse modo sua história temporal, isto é, contando as minhas próprias experiências no estágio, eu posso me dar conta do que acontece e estabelecer sentido para a minha própria identidade docente.

A partir disso, posso dizer que planejar após esse momento inicial do estágio se tornou algo mais singelo, ao passo que entendia a lógica do planejamento, se tornou mais simples de desenvolver. Compreender os princípios básicos e a estrutura do planejamento trouxe uma clareza que antes não existia, transformando o que antes parecia ser uma tarefa complexa em um processo natural. Cada etapa do planejamento começou a se encaixar com mais facilidade, as conexões, objetivos, recursos e ações ficaram mais evidentes. Essa percepção trouxe ganhos como a prática de antecipar necessidades e o ajuste de estratégias de modo mais eficaz. Tendo em vista isso, a eficiência do planejamento refletiu-se na prática.

Assim sendo, chegou o momento de definir o tema escolhido. Após uma reflexão profunda e sem uma decisão clara, decidi investigar temas relacionados à Educação Física. Naquela fase, eu ainda enxergava a Educação Física de forma tradicional, como é comum na maioria das escolas. A escolha do tema exigia uma análise cuidadosa das várias possibilidades, considerando como ele poderia oferecer uma abordagem rica para as crianças. A orientação da professora da disciplina foi fundamental nesse processo, pois me ajudou a perceber que diversos temas poderiam ser utilizados para trabalhar a Educação Física pois ela abrange uma ampla gama de atividades e abordagens que podem ser aprendizado para as crianças.

Com base em uma nova concepção sobre ato de planejar e todo processo que o planejamento demanda, cogitei sair das aulas convencionais de Educação Física, onde o desenvolvimento motor ganha ênfase e uma posição principal na aula e definir o assunto com o tema da proposta de estágio: “Descobertas”, tema esse que pode abranger diversos assuntos. Segundo a Base Nacional Comum Curricular (2018, p. 37):

Os eixos estruturantes das práticas pedagógicas e as competências gerais da Educação Básica propostas pela BNCC, seis direitos de aprendizagem e desenvolvimento asseguram, na Educação Infantil, as condições para que as crianças aprendam em situações nas quais possam desempenhar um papel ativo em ambientes que as convidem a vivenciar desafios e a sentirem-se provocadas a resolvê-los, nas quais possam construir significados sobre si, os outros e o mundo social e natural.

Entendo que, para um aprendizado eficaz, é crucial que as crianças estejam em ambientes que as envolvam ativamente, onde há descobertas estimulantes que motivem a curiosidade. Nessas situações, as crianças podem desenvolver um entendimento sobre si mesmas, sobre os outros e sobre o mundo ao seu redor. Esses ambientes

proporcionam oportunidades para que elas construam significados e façam conexões importantes, promovendo um aprendizado mais significativo e integrado.

No que tange a esta temática o conteúdo escolhido foi as “Sensações – os 5 sentidos do corpo humano”, que me colocou a pensar naquilo que antes pontuei aqui como uma noção rasa: correr, pular e liberar bola – e não nego essas atividades como importantes, educativas, recreativas e, sobretudo, necessárias. Contudo, busquei pensar a Educação Física pelo avesso. Neste sentido, que ressignificar as aulas Educação Física escolar, fiz pouquíssimas atividades de corrida ou salto, por exemplo; atividades essas que estão muito ligadas, de fato, ao corpo e as sensações. A partir disso, trabalhei sobre o modo como os alunos poderiam acessar, conhecer e reconhecer o seu próprio corpo, no que tange as sensações, e o corpo dos colegas também, sempre visando o respeito a si e aos outros. Segundo Soares et al. (2015, p. 341) “As primeiras e últimas impressões do indivíduo sobre o ambiente são dadas por seus sentidos”. Penso, que desta forma, produzindo experiências novas para os estudantes, estimulando a sensibilidade de novas sensações e aprimorando os 5 sentidos, podemos contribuir para sua obtenção de conhecimento. De fato, “a criança tem de aprender a perceber”. Ela já faz isso ao explorar o meio “com olhos, mãos, boca e todos os seus órgãos, ampliando e aprimorando suas dimensões da sensibilidade” (Gibson, apud Soares, 2015, p. 341).

Visto isso, ao proporcionar práticas pedagógicas que rodeiem a exploração sensorial, estamos também fortalecendo suas bases para a aprendizagem. Estimular os sentidos de forma consciente e diversificada não apenas melhora a absorção de conhecimento, mas também contribui para o desenvolvimento integral do indivíduo, preparando-o para compreender e interagir de maneira mais profunda e significativa com o mundo ao seu redor.

Enquanto avançava na elaboração do planejamento e com o tema já definido, pude iniciar as aulas com as crianças. Ministras essas aulas, também marcou o início de uma jornada de descobertas pessoais. Esse momento foi para observar as reações e interações dos alunos, compreender suas necessidades e me entender no posto de professora em relação a eles.

Durante o processo todo do estágio, uma das últimas experiências que encarei foi assumir o papel de professora, o que se mostrou como um desafio significativo. Enquanto aprender sobre o planejamento das aulas envolvia expressar claramente os objetivos de ensino no papel, ministras as aulas é uma tarefa de uma complexidade

diferente, pois exigia uma interação direta entre mim, enquanto professora, e os alunos. Oliveira ([s./ano], p. 4) mostra que

Hoje, não se pede um professor que seja mero transmissor de informações, ou que aprende no ambiente acadêmico o que vai ser ensinado aos alunos, mas um professor que produza o conhecimento em sintonia com o aluno. Não é suficiente que ele saiba o conteúdo de sua disciplina. Ele precisa não só interagir com outras disciplinas, como também conhecer o aluno. Conhecer o aluno faz parte do papel desempenhado pelo professor pelo fato de que ele necessita saber o que ensinar, para que e para quem, ou seja, como o aluno vai utilizar o que aprendeu na escola em sua prática social.

Nesse contexto, conhecer os alunos é fundamental pois permite que o professor adapte suas estratégias de ensino às necessidades, interesses e contextos sociais dos alunos. Saber o que ensinar envolve selecionar conteúdos relevantes que vão além do currículo básico, integrando conhecimentos de outras áreas. Para quem ensinar, envolve conhecer as características individuais dos alunos, suas origens, seus interesses e suas aspirações.

Em vista disso, antes de iniciar as aulas com os alunos no estágio, foi disponibilizado duas aulas exclusivamente para conhecer a escola, a turma e a professora supervisora da instituição. Conhecer o ambiente físico, entender a infraestrutura disponível e observar a dinâmica escolar foram aspectos cruciais para compreender o contexto em que os alunos estão inseridos. Essa observação inicial permitiu identificar as particularidades da instituição e ajustar minhas expectativas e planos de ensino de acordo com a realidade vivenciada pelos alunos.

Outro ponto fundamental foi conhecer a turma. Esse contato inicial com os alunos foi importante para entender suas necessidades, interesses e contextos sociais. Interagir com a turma antes de começar a ensinar propriamente, ajudou a criar um ambiente de confiança e respeito, essencial para um processo de aprendizagem. Esse conhecimento prévio possibilitou a adaptação das estratégias de ensino, garantindo que fossem relevantes para os alunos.

Conhecer a professora supervisora também seria um dos passos desse processo, ela tinha pouca experiência com a turma, pois também era nova na instituição e estava passando pelo mesmo processo de ambientação que eu, então não tive muitas dicas de quais seriam as melhores metodologias, dinâmicas de sala de aula e características individuais dos alunos. Essa troca de informações teria sido um auxílio a mais para iniciar o processo de ensino e aprendizagem com os estudantes.

Desta forma, surgem várias perguntas sobre minha experiência e aprendizado durante todo o processo, mas uma pergunta fundamental talvez seja: Quem era eu, Marcelly, ao ministrar uma aula? Bem, posso descrever-me como alguém bastante insegura, e em algumas ocasiões, essa insegurança transparecia aos estudantes, especialmente quando algo não saía como planejado. Foi desafiador compreender que ao lidar com crianças tão jovens, de 4 a 5 anos, era impossível prever suas reações a cada nova proposta, atividade ou conteúdo apresentado. Sempre me questionava se os alunos iriam gostar das atividades, se prenderia a atenção deles ou se a proposta era interessante para a idade deles.

Dito isso, algo que se relaciona com o ato de ministrar aulas é mediação pedagógica. Lidar e resolver situações que surgem com os alunos vai além de um planejamento bem estruturado e de uma explicação clara das aulas. A mediação pedagógica envolve mais do que conhecimentos práticos e teóricos sobre Educação Física, trata-se de uma habilidade essencial para entender e responder às dinâmicas e necessidades dos alunos de forma eficaz.

A mediação pedagógica se destacou como uma área de grande mudança para mim. Antes do estágio na educação infantil, priorizava o “sucesso” da aula, buscando manter total controle sobre o ambiente e garantir que tudo seguisse exatamente conforme o planejado e idealizado por mim, sem considerar o processo de aprendizagem das crianças, isso me levava a corrigi-los constantemente. Segundo Coelho, Silva e Lopes ([s./ano], p. 9) “[...] ser um docente que se coloca como facilitador incentivador ou motivador da aprendizagem, que ativamente colabora para que o aprendiz chegue aos seus objetivos”. O professor não deve ser o centro do processo educativo. Em vez disso, ele deve criar um ambiente propício para a aprendizagem, onde os alunos têm a oportunidade de explorar, descobrir e construir conhecimento de maneira ativa e autônoma. O educador facilitador guia os alunos através do processo de aprendizagem, oferecendo suporte, recursos e orientação, mas permitindo que eles sejam os protagonistas do seu próprio aprendizado.

Nas primeiras semanas de estágio, enfrentei desafios para compreender essa dinâmica, em meio a diversas atividades realizadas, tive algumas frustrações. Fiz um boliche com os alunos, onde eles deveriam acertar as perguntas que eu realizava para eles; acertando a resposta deveriam acertar o alvo, mas não deu certo. No meio da atividade fiquei nervosa, chorei, pensei que não tinha vocação para docência, pensei em desistir de tudo. Após a finalização da atividade, mais calma, percebi que, na verdade, o

que causou o insucesso da atividade foram pequenos detalhes. De fato, essa foi uma das atividades que mais me ensinou, pois pude visualizar onde errei e em quais pontos poderia corrigir para uma melhor execução da atividade em outro momento, com outras crianças ou até com as mesmas. Aprender com os erros é um modo de aprender também. No contexto das atividades que me causaram frustrações, também houve aquelas que considero bem-sucedidas, e quando digo isso, não falo no sentido que saiu exatamente como planejei, mas onde pude fazer com que os estudantes conseguissem experimentar as sensações em situações distintas. No dia em que trabalhamos o tato estava muito frio e convidei os alunos a não negar esse frio, mas senti-lo, percebê-lo e capturá-lo com o corpo. Pedras, grama, areia e asfalto foram algumas das superfícies que pedi para os alunos tocarem com os pés, pois, assim, poderiam sentir as diferentes texturas e, que essas diferentes texturas, conduziam o calor de forma singular. Também, convidei os alunos a usar a tinta de forma livre onde os alunos usaram as mãos; alguns pintaram o papel pardo, outros pintaram os braços e o rosto, e alguns até desenharam.

Após revisar e refletir sobre todo o conteúdo abordado neste trabalho, posso afirmar que as ideias discutidas foram reconsideradas várias vezes. A minha visão sobre a Educação Física escolar mudou após a experiência adquirida durante o estágio. As práticas observadas, os desafios e as interações com alunos e colegas de estágio enriqueceram minha compreensão da importância da Educação Física no desenvolvimento integral dos estudantes. Essa experiência me proporcionou uma visão mais completa e crítica, evidenciando a necessidade de uma abordagem pedagógica integrada.

Antes de passar pelo estágio obrigatório, eu via a Educação Física escolar como uma disciplina voltada principalmente para o desenvolvimento físico e motor dos alunos, através de práticas como esportes, danças, jogos, brincadeiras e lutas. Acreditava que o principal objetivo era promover um estilo de vida mais saudável, estimulando a saúde e o bem-estar dos estudantes. Essa visão é compartilhada e defendida por muitas pessoas, pois

A educação física no Brasil surge ligada intimamente à formação e educação corporal disciplinadora, com objetivos dos mais variados: militares, de saúde, estéticos, esportivos de alto rendimento ou não, recreativos, servindo, muitas vezes, a mecanismos de alienação ou propósitos políticos, valendo-se da prática ou de eventos esportivos para desviar a atenção das tensões políticas e das lutas ideológicas. (Bertini Junior; Tassoni, 2013, p. 467)

A Educação Física escolar já esteve entrelaçada com o desenvolvimento e a educação corporal disciplinadora do século XIII ao século XX. Esses objetivos variavam entre saúde, estética, esportiva, de alto rendimento e recreativos, ou seja, sempre foi vista como uma disciplina exclusivamente prática e relacionada ao desenvolvimento da aptidão física, muito relacionada ao campo do militarismo, onde “educar o corpo para a produção significa promover saúde e educação para a saúde (hábitos saudáveis, higiênicos)” (Bracht, 1999, p. 73). Essa saúde, ou força física, pode ser vista e reinterpretada sob uma perspectiva patriótica. Essa ênfase na saúde e na força física era reinterpretada sob um ponto de vista cívico, onde o vigor dos cidadãos era visto como símbolos de uma nação forte e próspera. Em contextos históricos, muitos regimes nacionalistas exaltaram a importância de corpos saudáveis e vigorosos como parte do ideal de um país poderoso e unido (Bracht, 1999). No entanto, a Educação Física não se limita apenas ao desenvolvimento físico, ela também exerce um papel importante nos cenários sociais, políticos e pedagógicos.

A Educação Física escolar deve ir além da simples prática de atividades físicas padronizadas, buscando uma conexão mais profunda com a realidade dos estudantes, posto isso, Prado (2015, p. 1) afirma que “[...] os resultados objetivados pela Educação Física na escola devem ser originados nas necessidades e no cotidiano dos alunos.” Assim sendo, podemos perceber a importância de valorizar o interesse dos estudantes abrangendo atividades em que estimulem sua atenção, curiosidade e fazendo com que eles se envolvam. Quando os alunos percebem que as atividades são pertinentes, o processo de aprendizagem se torna mais significativo.

Para Betti, Ferraz e Dantas (2011, p. 106), os professores de Educação Física

[...] elaboram, implementam e avaliam programas de ensino que tematizam, do ponto de vista didático-pedagógico, as brincadeiras e o jogos, os esportes, as lutas, as ginásticas, as danças, exercícios físicos, atividades rítmicas e etc., com propósitos educacionais explícitos e implícitos.

Ao implementarem todas as unidades temáticas citadas, os professores oferecem uma experiência rica e múltipla para os estudantes. Além de trabalhar atividades claras da área da Educação Física escolar, como promoção a saúde e bem-estar, ensino de diferentes esportes, atividades corporais, também tende a abranger outros conhecimentos, como fomentar o respeito entre os colegas, fortalecer a autoestima, construir a resiliência e desenvolver atitudes positivas em relação à atividade física.

De acordo com Betti, Ferraz e Dantas (2011) a abordagem didático-pedagógica deve ser baseada nos significados culturais e nas potencialidades de estímulo do organismo humano, portanto, é reforçado mais uma vez que as atividades físicas e esportes não são apenas exercícios, mas também expressões culturais que variam de acordo com o contexto social, histórico e cultural de cada comunidade. Assim, a Educação Física deve promover a diversidade cultural e um entendimento mais amplo das práticas corporais, valorizando suas múltiplas dimensões.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa teve como objetivo compreender como as experiências de estágios auxiliaram na minha constituição do ser docente de Educação Física, baseando-se nas experiências adquiridas durante o estágio obrigatório na educação infantil. Foram analisados e discutidos temas como o planejamento das aulas, a seleção dos conteúdos, a condução das atividades, a mediação pedagógica das situações que surgiram ao longo das aulas, e a minha perspectiva sobre as aulas de Educação Física antes e após o estágio. Esse estudo justifica-se pelos questionamentos que surgiram durante esse processo, questionamentos esses que acompanharam todos os desafios enfrentados durante a experiência de como ser professora.

Nas reflexões sobre o estágio de forma geral, pude concluir alguns pontos importantes. Compreendi a importância do planejamento anual, semestral e semanal para o bom andamento das aulas, garantindo maior qualidade e clareza nos conteúdos a serem abordados. Além disso, percebi que definir um tema em conjunto com os alunos, que seja do interesse tanto do professor quanto dos estudantes, contribui para um aprendizado mais envolvente e significativo.

O ato de planejar também foi um tema crucial e amplamente discutido neste trabalho. A partir das análises realizadas, compreendi que o planejamento é fundamental para a realização de qualquer aula e para o ensino de qualquer conteúdo. Planejar cada etapa do processo foi essencial, pois funcionou como um guia para a execução das atividades com os alunos. Embora o planejamento não precise seguir exatamente o idealizado, ele serve como uma orientação para o desenvolvimento das aulas e para avaliar o que está ou não sendo ensinado pelo professor, considerando que não podemos medir com precisão o aprendizado individual de cada aluno.

A escolha do tema foi cuidadosamente avaliada. Inicialmente, eu acreditava que o tema deveria estar estritamente relacionado à Educação Física. No entanto, ao longo da disciplina, percebi que era possível escolher um tema que despertasse o interesse dos estudantes, ao mesmo tempo que se alinhasse aos objetivos da Educação Física escolar. Com isso em mente, decidi trabalhar com o tema “Descobertas – Os 5 sentidos do corpo humano”, com o objetivo de despertar o interesse e o envolvimento dos alunos. Compreendi que estimular os sentidos das crianças contribui de forma integral para seu desenvolvimento.

Diante dos desafios enfrentados durante o estágio obrigatório na educação infantil, ministrar aulas para os estudantes foi a tarefa mais difícil. Ao longo desse processo, percebi que, além de outras particularidades de um professor, saber conduzir uma aula e ter uma didática eficaz são essenciais e extremamente desafiadores. Isso ocorre porque não sabemos com quais turmas ou alunos nos depararemos, nem como seremos recebidos. Saber lidar com as diversas situações do cotidiano escolar é um aspecto fundamental da profissão de professor.

O ato de ministrar aulas está vinculado à mediação pedagógica. Compreender o processo de aprendizagem dos estudantes me ajudou a adaptar minha abordagem e a lidar com os desafios que surgem durante as aulas. Quando propunha atividades e os alunos as interpretavam de maneira diferente da esperada, realizando-as à sua maneira, foi um desafio aceitar que essas respostas não estavam necessariamente erradas, mas eram reflexos de como eles estavam vivenciando o processo. Concluí que posso controlar apenas o que ensino, mas não o que os alunos realmente aprendem. Assim, percebo que a mediação pedagógica é crucial para a prática docente, pois envolve ajustar continuamente o ensino às respostas dos alunos. Aceitar e entender essas diferenças é fundamental para aprimorar minha prática e promover um ambiente de aprendizagem mais inclusivo e eficaz.

Após todas as considerações feitas, posso afirmar que minha visão sobre a Educação Física escolar evoluiu significativamente ao longo desse processo. Inicialmente, eu via a Educação Física como uma disciplina estritamente tradicional, focada apenas no movimento constante e na execução de exercícios físicos. No entanto, agora compreendo que a Educação Física é muito mais abrangente e inclusiva, envolvendo a valorização da diversidade cultural e a promoção de um ambiente que respeite e celebre diferentes expressões e práticas corporais. Sendo assim, entendo que essa pesquisa deixa para registro conclusivo a importância de entender os elementos

principais para o desenvolvimento das aulas de Educação Física escolar, com base nas experiências adquiridas durante o estágio obrigatório da educação infantil. A investigação mostrou a necessidade de um planejamento efetivo e flexível, nivelado ao interesse dos estudantes e as finalidades pedagógicas. A escolha do tema “Descobertas – Os 5 sentidos do corpo humano” ilustrou como temas interessantes podem estimular o aprendizado dos alunos. A mediação pedagógica demonstrou ser importante para adaptar a prática docente às necessidades dos estudantes, mostrando que independente dos desafios, o papel do professor é de ajustar o ensino e acatar a diversidade de aprendizados. Assim, minha visão sobre a Educação Física escolar evoluiu, saindo de uma perspectiva tradicional para uma abordagem inclusiva e culturalmente rica, promovendo um ambiente de aprendizagem dinâmico e significativo.

Os dados e as conclusões desta pesquisa derivam de uma experiência específica e autobiográfica, e os resultados podem variar em diferentes contextos ou processos de estágio, destacando a necessidade de novas investigações. Com base nos achados desta pesquisa, para uma posterior continuidade, poderíamos seguir explorando temas como a interação entre teoria e prática na formação docente, com o objetivo de analisar como a integração entre teoria pedagógica e prática educativa, durante o estágio, influencia a identidade docente e a abordagem pedagógica na Educação Física escolar.

REFERÊNCIAS

Bertini Junior, Nestor; Tassoni, Elvira Cristina Martins. A Educação Física, o docente e a escola: concepções e práticas pedagógicas. *Rev. Bras. Educ. Fís. Esporte*, São Paulo, v. 27, n. 3, p. 467-483, jul./set., 2013.

Betti, Mauro; Ferraz, Osvaldo Luiz; Dantas, Luiz Eduardo Pinto Bastos Tourinho. Educação Física Escolar: estado da arte e direções futuras. **Rev. Bras. Educ. Fís. Esporte**, São Paulo, v. 25, (número especial), p. 105-115, dez., 2011.

Bracht, Valter. A constituição das teorias pedagógicas da educação física. **Cadernos Cedex**, Campinas, ano XIX, n. 48, p. 69-88, agosto, 1999.

Brasil. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, DF: MEC, 2018. Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>>. Acesso em: 5 ago. 2024.

Coelho, Géssica, Elias de Paulo; Silva, Paula Cristina Pacheco; Lopes, Thalitta Fernanda. **A prática pedagógica do professor mediador e a motivação no processo de ensino e aprendizagem**. p. 1-15, [s./ano]. Disponível em: <<https://multivix.edu.br/wp-content/uploads/2018/06/a-pratica-pedagogica-do-professor-mediador-e-a-motivacao-no-processo-de-ensino-e-aprendizagem.pdf>>. Acesso em: 8 jul. 2024.

Darido, Suraya Cristina. Educação física na escola: conteúdos, suas dimensões e significados. UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA. Prograd. **Caderno de formação: formação de professores didática geral**. São Paulo: Cultura Acadêmica, p. 51-75, 2012.

De Souza Neto, Samuel; Cyrino, Marina; Borges, Cecilia. O estágio curricular supervisionado como locus central da profissionalização do ensino. **Revista Portuguesa de Educação**, Lisboa, v. 32, n. 1, p. 52-72, 2019.

Giacomoni, Cristian; Souza, José Edimar de. A “educação moral e cívica” nas aulas de educação física: um estudo a partir de memórias de professoras e egressos de uma escola pública em Caxias do Sul/RS (1974-1985). **Domínio Da Imagens**, São Paulo v. 15, n. 29, p. 349-368, 2022.

Larrosa, Jorge. Tecnologias do Eu e Educação. In: Silva, Tomaz Tadeu da (Org.). **O sujeito da educação: estudos foucaultianos**. Petrópolis: Vozes, 1994. p. 35–86

Libâneo, José Carlos. **Didática**. São Paulo: Cortez, 2006.

Oliveira, Wilandia Mendes. **Uma abordagem sobre o papel do professor no processo ensino/aprendizagem**. p. 1-12, [s./ano]. Disponível em: <https://www.inesul.edu.br/revista/arquivos/arq-idvol_28_1391209402.pdf>. Acesso em: 12 jul. 2024.

Martins, Rodrigo Lema Del Rio; Tostes, Luiza Fraga; Mello, André da Silva. O estágio supervisionado em Educação Infantil e a formação docente em Educação Física. **Revista Docência do Ensino Superior**, Belo Horizonte, v. 10, e015181, p. 1-18, 2020.

Prado, Bárbara Machado Baideck Do. Educação física escolar: um novo olhar. **Revista de Educação do IDEAU**, v. 10, n. 21, p. 1-12, jan./jul., 2015.

Rodrigues, Tatiane Daby de Fatima Faria; Oliveira, Guilherme Saramago de; Santos, Josely Alves dos. As pesquisas qualitativas e quantitativas na educação. **Revista Prisma**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 1, p. 154-174, 2021

Soares, Leys Eduardo dos Santos et al. Sensorialidade para crianças: o paladar na educação física escolar. **Revista da Educação Física/UEM**, Maringá, v. 26, n. 3, p. 341-352, 3. trim., 2015.

Souza Neto, Samuel de; Cyrino, Marina; Borges, Cecília. O Estágio Curricular Supervisionado como Locus Central da Profissionalização do Ensino: **Revista Portuguesa de Educação**, [S. l.], v. 32, n. 1, p. 52–72, 2019.

UFRGS. Licenciatura em Educação Física. Estágio de docência de Educação Física na Educação infantil (EF104053). Plano de Ensino, 2022/2. Disponível em: <https://www1.ufrgs.br/Ensino/PlanoDeEnsino/PlanoDeEnsinoPDF/Paginas/Visao/PDFPlanoDeEnsino.php?AtividadeEnsino=22374_2022022> Acesso em: 20 set. 2024.

Vago, Tarcísio Mauro. Pensar a Educação Física na escola: para uma formação cultural da infância e da juventude. **Cadernos de Formação RBCE**, v. 1, n. 1, p. 25-42, set., 2009.

Viçosa, Raquel et al. Autonarrativas como método de pesquisa: sobre a complexidade de narrar-se. **XI Jornada Acadêmica do Programa de Pós-Graduação em Educação da UNISC**, Santa Cruz do Sul, v. 1, n. 1, p. 1-3. 2019.

Young, Michael. Para que servem as escolas? **Educ. Soc.**, Campinas, v. 28, n. 101, p. 1287-1302, set./dez., 2007.

